

Apresentação

"Classe social e comunidade semiótica não se confundem. Pelo segundo termo entendemos a comunidade que utiliza um único e mesmo código ideológico de comunicação. Assim, classes sociais diferentes servem-se de uma só e mesma língua. Conseqüentemente, em todo signo ideológico confrontam-se índices de valor contraditório. O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes."

Mikhail Bakhtin, *Marxismo e filosofia da linguagem*

A cultura constitui um campo da atividade humana particularmente sujeito a mistificações. Visões idealistas das mais diversas vertentes insistem em abordar a cultura como um reino à parte, imune às determinações da vida material, regido por regras próprias e auto-referentes. Mais recentemente, o culturalismo pós-moderno tem procurado criticar o marxismo, que identifica à sua redução mecanicista, a partir de enfoque cultural do mundo social que inverte a ótica das determinações materiais.

Essa visão amplia e afrouxa o conceito de cultura, tanto nos seus conteúdos quanto em seu poder explicativo, promovendo a idéia de que tudo o que diz respeito às sociedades humanas é cultural. Essa ampliação arbitrária questiona inclusive as determinações da natureza. Em última análise, para tal visão, até mesmo os fenômenos naturais, entre eles o próprio corpo humano, seriam culturais.

Ao atribuir a essa compreensão de cultura o poder de determinação, o culturalismo retira as explicações dos processos históricos e sociais do terreno concreto da luta de classes, material e historicamente determinada. Dessa maneira, a cultura representaria o que há de mais essencial em uma sociedade, verdadeira instância coesa e unificadora, pairando por cima dos conflitos e processos sociais.

Reunidos no dossiê "Linguagem, Comunicação e Cultura", os artigos do segundo número da revista *História & Luta de Classes* opõem-se a essa ótica culturalista, buscando analisar em forma materialista os fenômenos culturais. Essa perspectiva, explicitamente vinculada ao marxismo, entende a cultura como parte da produção e reprodução material da vida e, portanto, como um fenômeno social e histórico inserido na dinâmica da luta de classes.

Aprendemos com Antonio Gramsci que, nas sociedades de classes, os modos de ver, expressar e analisar o mundo que nos cerca estão em disputa permanente. Essa disputa é parte do esforço das classes em confronto de construir hegemônias e contra-hegemonias. Para constituírem-se enquanto tal, as classes exploradoras necessitam que seus valores, sua moral, suas instituições, suas visões de mundo sejam considerados naturais, legítimos e universalizáveis. No entanto, os confrontos sociais abrem inexoravelmente brechas nas narrativas apologéticas, explicitando as contradições que expõem a parcialidade das propostas universalizantes. São essas brechas que procuramos fortalecer e ampliar como espaços da luta contra-hegemônica.

Para conquistar a hegemonia, as classes dominantes utilizam meios cada vez mais agressivos

e coercitivos, nesses tempos de capitalismo senil e de novo ciclo de acumulação selvagem de capital, que transformam as promessas de libertação social através do mercado em brutal opressão da imensa maioria da população do planeta. À apologia e à coerção soma-se a busca por consenso que sonha fazer crer que os sujeitados são sujeitos de sua própria sujeição.

Através da linguagem verbal, todas as consciências individuais incorporam um universo de fatos semióticos, de sistemas conceptuais, de valores, de distinções e de oposições. Apresentadas como códigos neutros de comunicação, as línguas são o instrumento privilegiado das classes exploradoras para impor suas ideologias e manter sua hegemonia. Atualmente, termos como *modernização*, *reforma*, *flexibilização*, *liberalização*, *desregulamentação* figuram amplamente nos noticiários para consolidar a idéia que o desemprego e a imensa transferência de recursos públicos para as mãos privadas são parte de processo de evolução natural e inexorável da economia e da sociedade. Adotar a perspectiva bakhtiniana da linguagem como arena da luta de classes é proceder, por meio da crítica, à desnaturalização e historicização desses termos.

Através da análise de textos literários, da crítica do papel dos meios de comunicação na sociedade contemporânea, da reflexão acerca da linguagem verbal, os artigos reunidos neste número de *História & Luta de Classes* pretendem desvendar alguns dos mecanismos pelos quais as classes dominantes constroem o consenso ideológico para continuar mantendo os explorados na submissão.

O número conta ainda com dois artigos, um sobre política atual à luz da história de Luiz Carlos Prestes e outro sobre o papel do igualitarismo marxista.

Os organizadores